

BARBOSA, Elyana. **Jean-Paul Sartre, o Filósofo da Esperança**. In: CESAR, Marcondes Constança; BULCÃO, Marly. (Org.). *Sartre e seus contemporâneos. Ética, Racionalidade e imaginário*. São Paulo: Idéias& Letras, 2008. p.9-16.

Thiago Teixeira Santos*

Voltamos aqui nossa atenção para uma coletânea de textos organizados por Constança Marcondes Cesar, professora da PUC Campinas e por Marly Bulcão, doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e intitulado *Sartre e seus contemporâneos: Ética, Racionalismo e Imaginário*. Neste texto não encontramos apenas elementos latentes do pensamento sartriano, mas a posição de alguns pensadores importantes em relação ao nosso autor, seja porque o influenciaram diretamente em sua construção filosófica, seja porque conviveram com ele ou mantiveram diálogos contrários à suas reflexões. Verificamos na apresentação da obra quão importante Sartre foi ao século passado por sua vasta produção intelectual, literária e política. Este teve como maiores influências dois grandes mestres e que marcaram incontestavelmente o século XX, a saber: Husserl (1859-1938) e Heidegger (1889-1976). Aquele deixou à tradição filosófica sua fenomenologia, retomada por Sartre, com grande relevância em sua filosofia existencial. Do mesmo modo, isto é, como grande influência para nosso autor, está Heidegger a quem Sartre demonstrou grande dedicação filosófica, na medida em que dele retoma, de forma análoga, mas com interpretação própria, temáticas como: existência, temporalidade, angústia, liberdade e ser com os outros.

A coletânea aponta pensadores que mantiveram posturas contrárias à reflexão filosófica de Sartre como Gabriel Marcel que, embora tratasse de temas comuns a Sartre, assume uma compreensão do homem amplamente distinta ao existencialismo ateu. A distância entre estes dois autores está, fundamentalmente, na negação de Sartre a qualquer transcendente, colocando o homem na inteira responsabilidade de sua existência, de sua liberdade e de sua vida política. Nesta esteira, isto é da contraposição, encontra-se

*Mestrando em Filosofia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia).
E-mail: thiago_philosopho@yahoo.com.br

Bachelard que criticou, entre outros pontos, as posições sartrianas que versam sobre a imaginação e o imaginário.

Tal coletânea é configurada por doze textos de distintos autores que se propõem a traçar nas duzentos e sete páginas, um campo de discussão filosófica com assuntos como: a ética da responsabilidade, noção de imaginário, alteridade, consciência, existencialidade, inautenticidade, engajamento, percepção e fenomenologia, moralidade, má-fé e por fim uma análise das produções artísticas de Sartre. Em cada um dos doze textos dispostos na obra é encontrado, de forma competente, traços elementares para a compreensão do autor em foco e mais, o ponto de interligação ao pensamento de Sartre, seja como contribuição positiva ou contrária a ele. De modo peculiar escolhemos a perspectiva de Elyana Barbosa, doutora em Filosofia pela USP, por sua preocupação em apontar uma ética no escopo do existencialismo ateu de Sartre. É notória razão de tal escolha, justamente pela dificuldade de alguns pensadores em afirmar uma moralidade no pensamento sartriano, problema esse que Elyana Barbosa retirou a turbidez de forma genial e, na mesma medida, fiel a todo o arcabouço teórico do grande filósofo.

Responsabilidade e Humanismo: A esperança de Sartre

“O filósofo da liberdade”, assim Sartre foi nomeado pela tradição filosófica e pelo grande público leitor de sua obra. Certo é que, de fato, o núcleo de seu pensamento é a liberdade, mas esta condição humana, isto é, elementar traço da existência humana para Sartre é por vezes mal compreendido. Mas considerar Sartre o filósofo da liberdade exige um esforço maior do que se entendo pela mesma, tarefa cuja Elyana Barbosa se dedica de modo louvável.

A autora demonstra um entusiasmo ao escrever de suas experiências pessoais com Sartre e seu pensamento. Ainda jovem nas décadas de 60 e 70, estudante de filosofia, não compreendia com maturidade a importância dos escritos de Sartre para o pensamento filosófico e ficou a par de algumas informações pessoais que se tornavam tão famosas quanto a produção intelectual de Sartre, como, por exemplo, que ele havia tomado anfetaminas para concretizar a *Crítica da Razão Dialética* (1960) idéias que deveriam entrar em sua primeira obra de destaque, isto é, *O Ser e o Nada* (1930) intenção podada por

motivos políticos. Ademais, retrata como foi sua experiência em encontrar o casal de filósofos mais requisitados de sua época e que falavam de sua preocupação com as guerras que estavam ocorrendo na África. Sartre, nos dizeres da autora, “era transparente, a sua vida e sua obra estavam estreitamente relacionados” (BARBOSA, 2008.p.10), além do mais, deixava claro que ser existencialista não era assumir uma vida caótica e desenfreada, mas sim uma questão de dignidade, caráter.

Em sua análise, a autora considera Sartre “um dos últimos humanistas” e isto por ele se voltar a desvelar o homem ao homem entregando-lhe sua dignidade e responsabilidade para consigo mesmo e para com outrem. Preocupava-se, entre outras questões, com os verdadeiros valores do homem: “ser autêntico” e deixar de ser “besta humana”. O homem, para nosso autor, deveria perceber-se responsável e por sê-lo, escolher toda a humanidade quando afirma: “Edifício esta universalidade ao escolher-me. Eu a construo compreendendo o projeto de qualquer outro homem, de qualquer época que seja” (SARTRE, 20010. p.40). Ao escolher-se o homem escolhe determinada imagem de homem, com valores e ações que configuram um horizonte humano. Aqui está o ponto elementar do texto em questão: “Sartre instaurou uma ética da responsabilidade; ser homem é ser responsável pelos seus atos, pelo que fazemos, dizemos, decidimos, responsáveis pelo modo que vivemos, amamos e sofremos” (BARBOSA, 2008. p.11). Na questão do sofrimento é preciso lembrar que Sartre rejeita a psicanálise freudiana e toma a angústia como elemento constitutivo do ser e que precisa ser enfrentada pelo homem.

Considerado um “guru” no melhor do termo, Sartre pretendeu resgatar o homem da descrença na razão e da moral e, sobretudo do “fundo do poço” no qual ele estava após as duas grandes guerras. Seu intento firmava-se em mensagens que mostravam a esse mesmo homem derrotado, descrente a possibilidade de ser digno. Poderia ser a autora questionada: Ética? Mas e a alteridade? Ora, o existencialismo é um humanismo porque é na relação com o outro que nos constituímos como seres humanos. Pelo outro somos aceitos, amados ou odiados. Em relação aos questionamentos e injustiças a obra de Sartre a autora retoma Bernard Henri Lévy que pede “Justiça para Jean Paul Sartre”, numa matéria para o *Le Monde* (18.03.2000), justiça por sua vida e obra contra os “ressentimentos” contra este grande pensador do século XX.

Sartre passou sua vida cercado por conflitos e controvérsias, mas Elyana Barbosa esclarece que ele não se vinculava a nenhum partido, ideologia e religião numa época em que para ser intelectual necessariamente deveria haver alguma filiação desse modo.

A maior das inquietações apontadas por Elyana Barbosa está na frase: “Eu morrerei na esperança”, frase esta que pode causar naqueles que se dedicam as obras de Sartre, grande estranheza, mas aqui também deve haver a justiça pedida por Lévy, logo o que o autor de *A Náusea* (1938), *O Muro* (1939), entre outras obras que frisam a solidão e o “crepúsculo da vida” queria, de fato, dizer com seu desejo de esperança? A resposta está o projeto, na ação do homem que transcende rumo a objeto futuro tendo em vista o presente, ou seja, a certeza da realização da ação. O homem está sempre por se fazer, sempre formando sua essência nunca pronta. Ademais, o problema da constituição traz consigo a necessidade de tratar da moralidade e então Sartre passa da “ética da responsabilidade”, para a “dimensão da obrigação”. Tal esfera só se efetiva em relação ao outro, bem como na liberdade onde o outro é o limite.

Por fim, merece também ser lembrado o artigo que integra a coletânea, o de Régis Dreby, que considera Sartre o filósofo que se dedicou a entender os fracassos de seu tempo, como a “grande consciência” desse tempo. Fica-nos claro que, nesse artigo, há o entendimento de que a esperança para Sartre está para a constituição do horizonte humano numa constante, num projeto nunca acabado e que se configura num longo desenvolvimento histórico. Belos textos, que merecem ser lidos e relidos como uma justa homenagem a Jean-Paul Sartre.